

# Orientação Agronômica ao Fomento da Sericicultura

---

Eng. agrônomo

**MARIO VILHENA**

Zootecnista do Serviço de  
Informação Agrícola

O Brasil vive um momento excepcional para o desenvolvimento de sua sericicultura. A extensão do conflito europeu à América, a suspensão dos fornecimentos de seda do Japão para os Estados Unidos, a indisputável importância da seda como material estratégico, tudo isso oferece ao nosso país uma oportunidade magnífica para criar nova e grande fonte de renda, com a exploração da sericicultura em larga escala.

## POSSIBILIDADES NATURAIS DO BRASIL

Não se pode mais pôr em dúvida as incomparáveis possibilidades naturais do nosso país para a cultura da amoreira e a criação do bicho da seda. Tais possibilidades não encontram paralelos: enquanto em outros climas, só se podem realizar duas colheitas de casulos, numerosas tentativas conduzidas em todos os quadrantes do nosso território já demonstraram positivamente, que podemos no mínimo fazer quatro criações de bicho de seda por ano, sendo numerosos os criadores, principalmente no sul do país, que fazem cinco a seis criações, sem perturbar as suas atividades normais, pois a sericicultura é atividade subsidiária, que se adiciona às demais ocupações dos agricultores.

Outrossim, a amoreira produz rápida e favoravelmente entre nós, não é perseguida por pragas ou doenças, se se lhe dispensa alguns cuidados, o seu cultivo no sistema de cepo é fácil, compreendido por todos.

E há vantagem econômica no aumento da produção de seda no Brasil? Examinemos as estatísticas: mau grado as nossas invejáveis condições naturais não colhemos ainda, por ano, 800.000 quilos de casulos, enquanto o consumo de seda; no país, equivale, a cerca de 15.000.000 de quilos! Como se vê não se pode pensar em superprodução de seda no Brasil, em face desses dois dados estatísticos, que falam eloquentemente. E o consumo nos países americanos? Só os Estados Unidos importavam, anualmente, mais de dois milhões de contos de réis de seda do Japão. Há, pois, mercados inesgotáveis para as dezenas de milhões de quilos de casulos que os agricultores brasileiros produzirem.

### UM PROGRAMA AGRONÔMICO DE FOMENTO DA SERICICULTURA

Em face desse panorama, é animador verificar-se que o problema sericícola nacional não escapou à visão aguda do presidente Getúlio Vargas, o qual, pelo decreto-lei n. 3.644, de 24 de setembro de 1941, traçou um programa agronômico para o fomento da sericicultura no Brasil, programa que o Ministério da Agricultura deverá executar, estabelecendo normas racionais de trabalho, coordenando esforços, auxiliando os lavradores, mas sobretudo atendendo às modernas conquistas da ciência sericícola, não mais permitindo que tenham curso no país os processos retrógrados de cultura da amoreira e de criação do bicho da seda e especialmente não mais se produzam ovos do bicho da seda de acordo com as "receitas" para cá trazidas pelos "práticos" do século passado...

No decreto-lei assinado pelo chefe da nação ficou estabelecido que a produção, importação e distribuição de ovos do bicho da seda, quando feitas por serviços públicos estaduais e municipais ou por particulares, ficarão sujeitas à

prévia autorização e à fiscalização do Departamento Nacional de Produção Animal.

Outras normas traçou o mesmo decreto-lei, constituindo elas, na realidade, um programa agrônômico para o fomento da sericicultura, programa que a nação espera ver cumprido fielmente pelo novo ministro da Agricultura, o agrônomo Apolônio Sales. Tais normas prescrevem:

- a) — a padronização dos produtos séricos;
- b) — os requisitos técnico científicos da indústria da sementagem;
- c) — as raças e tipos de bicho da seda para produção ou importação e as épocas e zonas de criação;
- d) — a assistência técnica dos poderes públicos aos criadores;
- e) — o controle da distribuição de ovos do bicho da seda;
- f) — a instituição de cooperativas séricas e o fomento em geral da sericicultura;
- g) — a coordenação e a colaboração entre os diversos órgãos séricos federais, estaduais e municipais.

#### EXPECTATIVA EM TORNO DA AÇÃO DO MINISTRO APOLÔNIO SALES

Os agrônomos brasileiros especializados em sericicultura confiam em que o novo titular da Agricultura, agrônomo Apolônio Sales, iniciará, imediatamente, a execução do programa traçado pelo presidente da República para o fomento de uma indústria tão futura para o Brasil e, agora, tão necessária à defesa da América. Há razões para essa expectativa de confiança: além de agrônomo, o sr. Apolônio Sales, quando

secretário da Agricultura de Pernambuco, organizou um Departamento de Sericicultura na Escola Superior de Agricultura do Estado e fez pelos seus artigos na imprensa diária declarações incisivas sobre a orientação que deveria presidir a produção de ovos do bicho da seda, as criações e as culturas da amoreira no território pernambucano — isto é, tais atividades deveriam atender às condições ambientais, processar-se sob a direção de agrônômos, repelindo energicamente as influências passadistas, que teimosamente impedem o progresso da indústria sericícola no Brasil, algumas delas — acrescentamos, constituindo autênticas “quintas-colunas” no parque industrial da nação. . .

Sabemos que o ministro Apolônio Sales não decepcionará o Brasil: ele veio do nordeste e sabe por experiência que essa região, como o norte, como o centro, como o sul — como todo o Brasil, — pode produzir seda em abundância e que há de produzir a seda de que nós e toda a América precisamos. Tome ele medidas enérgicas, reforme os serviços que estiverem estacionados, afaste os elementos incapazes de colaborar na execução de um programa agronômico, crie órgãos de fomento e de experimentação — particularmente de experimentação —, coordene os serviços séricos estaduais com o Ministério da Agricultura, e todos os agricultores brasileiros o auxiliarão, plantando amoreiras e criando o bicho da seda, pelo bem do Brasil!

## OS ATOS QUE O BRASIL ESPERA DO MINISTRO DA AGRICULTURA

A opinião dos agrônômos brasileiros especializados em sericicultura é unânime no que sugere ao novo ministro da Agricultura, para que a indústria sericícola afinal se organize no país, saindo da fase das possibilidades — em que já se acha há cerca de quarenta anos — e passe a constituir uma das nossas grandes fontes de renda.

São raros os técnicos de que dispomos para difundir a sericicultura; assim, impõe-se a imediata instalação de cursos

de especialização na Escola Nacional de Agronomia e nas demais escolas agrícolas do país; cursos médios deverão ser também ministrados nos aprendizados agrícolas e cursos rápidos deveriam ser proporcionados às professoras rurais de todo o país, tudo se fazendo no sentido de esclarecer as nossas populações rurais sobre a sericicultura, criando nelas a mentalidade sericícola de que tanto carecemos. A radiodifusão rural poderá ser elemento preciosíssimo nesta campanha de propaganda da sericicultura, suprimindo a falta de professores, despertando interesse, corrigindo erros velhos, concitando todos ao plantio da amoreira e à criação do bicho da seda.

Impõe-se ainda — e com urgência — a organização do Instituto Nacional de Sericicultura, aproveitando-se os monumentais edifícios construídos pelo ex-ministro Fernando Costa, especialmente para esse fim, na rodovia Rio-São Paulo, junto aos demais órgãos componentes do Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agronômicas.

Tais edifícios custaram mais de 2.200 contos de réis e constituem a maior e mais completa instalação para sericicultura existente no mundo; colaboraram nela vários agrônomos, destacadamente o sr. F. de Assis Iglesias, que percorreu em viagem de estudos os institutos séricos da Europa.

Esse projetado — e tão esperado — Instituto Nacional de Sericicultura deverá coordenar e comandar toda a ação do governo no setor sericícola, realizando amplo programa de ensino, experimentação e fomento da sericicultura, estabelecendo articulação efetiva com os serviços séricos do Ceará, Pernambuco, Espírito Santo, São Paulo, e mais Santa Catarina e Rio de Janeiro — estes dois últimos devendo ser ampliados, para melhor realizarem as suas finalidades; e, muito especialmente, deverá prestar assistência técnica objetiva aos sericultores, fornecendo-lhes, gratuitamente em épocas adequadas, segundo as características climáticas de cada região, mudas de amoreira e ovos do bicho da seda sadios e produtivos, auxiliando-os na construção de sirgarias e no plantio de amoreiras, bem como na defesa sanitária das suas criações e culturas, premiando as melhores safras de casulos, além de garantir a sua imediata e remuneradora colocação, estimu-

lando a instalação de fiações e secadores de casulos em todos os núcleos produtores, etc.

### ARTICULAÇÃO COM OS ÓRGÃOS SÉRICOS ESTADUAIS

O estabelecimento de acordo com os Estados que mantenham ou venham a manter serviços de sericicultura deve constituir um dos pontos principais de ação do ministro Apolônio Sales em favor da sericicultura, com o que, aliás, executará uma das obrigações criadas para o Ministério da Agricultura, pelo decreto-lei n. 3.644.

Com tais acordos haverá uniformidade nos trabalhos de experimentação, ensino, fomento e fiscalização sericícolas, de conformidade, entretanto, com as peculiaridades de cada região. Aqui, é oportuno lembrar as palavras do presidente Getúlio Vargas, na conferência dos interventores, realizada em 10 de novembro de 1939: “Cumpre, precipuamente: — cuidar da produção, delimitando as zonas de culturas vegetais e animais em função da ecologia”.

### CONTROLE DA PRODUÇÃO DE OVOS

A indústria da sementagem — isto é, a produção de ovos do bicho da seda — está reclamando cuidados imediatos e enérgicos do Ministério da Agricultura, que já está, desde setembro de 1941, habilitado pelo decreto-lei n. 3.644 a disciplinar a preparação de sementes, impedindo que se continue na sua maléfica produção clandestina. Sabe-se que, no interior de São Paulo, sericultores japoneses de há muito comerciam ovos do bicho da seda, produzindo-os sem qualquer controle do governo, ameaçando, assim, o desenvolvimento da nossa sericicultura. Pior, porém, do que tal produção clandestina é a preparação de ovos do bicho da seda que segue os processos “práticos” correntes na Europa em 1865, quando a sericicultura esteve arriscada de desaparecer, salvando-o o gênio de

Pasteur. Os “óvulos” que assim ainda se produzem e se distribuem largamente anulam todos os entusiasmos, tornam impossível o aumento das nossas safras e as pessoas que dirigem tal sementagem precisam ser substituídas pelos agrônomos brasileiros que conhecem a genética, acreditam no microscópio, que desejam com patriotismo ver o Brasil entre os maiores produtores de casulos do mundo.

Tão grande é a importância da semente sadia no desenvolvimento da sericicultura, que os técnicos atribuem à qualidade do ovo 75% do êxito de uma criação. E a sementagem é uma indústria tão complexa que os nossos técnicos afirmam que, em hipótese alguma, deve o criador preparar os ovos de que carece, mas obtê-los sempre em institutos idôneos. Quando o ovo é de origem espúria — quando é “óvulo”, por exemplo... —, preparado por leigo no assunto ou pior ainda, por pseudo-técnico, não há possibilidade de se obter êxito na criação, êxito integral, por mais caprichoso e experimentado que seja o sericultor, por melhores que sejam as suas instalações e a folha de amoreira de que disponha.

Com semente má não se colhe bom casulo e, às vezes, nem casulo, bom ou mau, se tem no fim de 40 dias de trabalho.

A sementagem é, assim, a base da sericicultura. Preparar ovos sem conhecê-la, sem atender às condições mesológicas, sem pensar no transporte rápido e na embalagem apropriada, sem visar cruzamentos rústicos e produtivos, segundo a região e as estações dessa região, e ainda sem controlar a atrofia parasitária, preparar ovos desconhecendo esses fundamentos é tudo, menos sementagem, menos ciência sericícola.

E, quando a produção de uma semente não se baseia na ciência, não se deve esperar dessa semente colheita farta, economicamente remuneradora.

Justifica-se, pois, a ação imediata e enérgica do Ministério da Agricultura, visando o controle, em todo o território nacional, da produção de ovos do bicho da seda, para que os nossos sericultores recebam sempre sementes que lhe assegurem boas colheitas de casulos — e não taboleiros repletos de larvas mortas!

## CAMPANHA DE PUBLICIDADE SERICÍCOLA

Ainda não há, no Brasil, mentalidade sericícola; nossas populações rurais, em geral, desconhecem inteiramente a criação do bicho da seda e as famílias que a ela se dedicam ainda o fazem por um interesse transitório, ao contrário dos países de velha indústria sérica, onde a cultura da amoreira e a criação do bicho da seda, constituem atividades tradicionais, transmitindo-se através das gerações. Daí a necessidade de ser conduzida, em todo o país, intensa e ampla propaganda sericícola, por meio da edição de folhetos, cartazes, cartões postais ilustrados sobre as vantagens da sericicultura, cultura da amoreira, doenças do bicho da seda, criação, colheita, embalagem, provisionamento e venda dos casulos.

O Ministério da Agricultura dispõe de órgão indicado para realizar essa campanha, o Serviço de Informação Agrícola, que, além da organização dos folhetos, cartazes e cartões acima sugeridos, precisaria incluir no seu noticiário de todos os dias notícias sobre o movimento sericícola nacional, notas e comunicados técnicos, bem assim forneceria à "Hora do Brasil" uma "nota sericícola" focalizando os atos do governo em benefício dos sericultores.

Deveria ainda caber ao mesmo Serviço de Informação Agrícola a irradiação de notas sobre a cultura da amoreira e a criação do bicho da seda nos programas agrícolas de iniciativa particular, a condução de uma grande campanha pró-seda nos clubes agrícolas escolares, — instituindo concursos com prêmios para as crianças que apresentassem safras de casulos de melhor qualidade —, e ainda a aquisição, quando possível, no estrangeiro, de livros, revistas, etc., dedicados à sericicultura, para revenda, a preço de custo, aos técnicos e agricultores brasileiros que desejassem aperfeiçoar os seus conhecimentos.